

# UMA ETNOGRAFIA DO MUNDO ESPÍRITA VIRTUAL: ALGUMAS APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS

*Alberto Calil Júnior*  
*Universidade Estadual do Rio de Janeiro<sup>1</sup>*

**Resumo.** Um dos produtos da chamada era digital, a internet vem despertando o interesse da parte da população brasileira. Este “novo espaço de sociabilidade” se constitui como arena privilegiada para toda uma gama de acontecimentos que ganham corpo e vida no “ciberespaço”. Neste sentido, chama atenção a emergência das “comunidades virtuais”. Com a ampla participação dos internautas brasileiros estas vêm despertando o interesse dos Cientistas Sociais que descobriram um novo espaço para o estudo da sociabilidade contemporânea, a tal ponto que para muitos a pesquisa na internet está associada à sua análise. O surgimento desses novos “locus” (virtuais?) para a realização de uma pesquisa sócio-anropológica sugere um movimento de “estranhamento” em relação a algumas categorias comumente utilizadas nas análises destes “mundos virtuais”. Tendo como ponto de partida a investigação que atualmente realizo junto ao “mundo espírita virtual” pretendo discutir neste artigo algumas implicações metodológicas da pesquisa antropológica no / do ciberespaço.

**Palavras-chave:** Ciberespaço, trabalho de campo, internet, espiritismo.

**Abstract.** One of the most visible products of the digital age, internet is in the core of most Brazilians interests. This “new space of sociability”, the cyberspace, is nowadays an attractive arena where events take place and happen. In this context, we must pay attention to the emergence of virtual communities. With the broad participation of Brazilian Internet users these communities are attracting the interest of social scientists who found a new space for the study of contemporary sociability so that for many of them the research on the internet is linked to the those communities. The emergence of these new "locus" (virtual?) for the accomplishment of a socio-anthropological research suggests a movement of dislocation regarding some categories commonly used in the analyses of these "virtual worlds". Based on my current research about the spiritists in the internet I want to discuss in this article some methodological aspects of doing an anthropological research in / about the cyberspace.

**Keywords:** Cyberspace, fieldwork, internet, spiritism.

De que maneira pode o espiritismo contribuir para o progresso?

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos<sup>2</sup>. (Kardec, 2004, p. 457)

Esta questão de "O Livro dos Espíritos"<sup>3</sup> é utilizada como pano de fundo por Antonio Leite<sup>4</sup> em um artigo publicado no "Anuário Histórico Espírita", na edição de 2004, dedicada à história do espiritismo na internet (Leite, 2004). Um dos produtos mais visíveis da chamada "era digital" a internet, este "novo espaço de sociabilidade", vem despertando o interesse de parte da população brasileira<sup>5</sup> De inovação tecnológica – idealizada inicialmente como um instrumento para facilitar a comunicação entre cientistas – a um "lugar (...) por onde vai passar toda a cultura do próximo século" (Lemos, 2002), a internet, cada vez mais, se imiscui no cotidiano de parte da população mundial "(...) atingindo mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do 'nós': comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual..." (Lévy, 1996, p. 11), enfim, toda uma gama de acontecimentos ganha "corpo" e "vida" nesses "ambientes virtuais", ou como alguns preferem chamar, no "ciberespaço". No limiar do século XXI, o "virtual" e todos os seus corolários parecem, cada vez mais, garantir um lugar nas agendas e nos cotidianos. Contudo, apesar da (imminente?) "revolução digital" que bate às nossas portas, chama atenção a preocupação de parte de um grupo social – os espíritas – em registrar e refletir sobre a sua presença e participação no "ciberespaço", ou sobre a "história do espiritismo na internet"<sup>6</sup>. Por que esse interesse em uma história que é relativamente curta?

Produto da segunda metade do século XX, a internet surge para o grande público em finais da década de 1980. De acordo com Pierre Lévy (1999), foi por essa época que as grandes metrópoles e os campi americanos viram nascer "um movimento sócio-cultural" que espontânea e imprevisivelmente "impôs um novo curso ao desenvolvimento técnico-econômico" configurando a "infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de sociabilidade, de organização, de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento" (Lévy, 1999, p. 32).<sup>7</sup> No caso do Brasil, essa "inovação tecnológica" – ou para alguns: essa "revolução cultural" – não chega de imediato. Tratada como questão de Estado durante o governo militar, é

somente a partir da década de 1980 que a comunicação de dados através de rede de computadores começa a ser estruturada. Neste sentido é possível identificar dois principais atores partícipes do processo, ambos de alguma forma relacionados as atividades de pesquisa; de um lado, a comunidade acadêmica e de outro, algumas entidades da sociedade civil ligadas ao IBA-SE (Instituto Brasileiro de Análises Sócio-econômicas). Contudo, nesses primeiros anos, o governo brasileiro optou por monopolizar o controle da transmissão de dados. No início da década de 1990, o acesso ao "ciberespaço" só era facultado a um pequeno grupo de pessoas em alguns dos órgãos governamentais ou em algumas entidades da sociedade civil, em particular aqueles ligados à pesquisa científica. Com a demanda crescente, em 1995, é liberada a comercialização do acesso à rede mundial de computadores<sup>8</sup>. Todavia, é interessante notar, que antes da liberalização do acesso já era possível encontrar ambientes de temáticas espírita nesse "mundo virtual", mesmo sendo o espiritismo uma religião cuja quase totalidade dos adeptos são brasileiros.

No artigo acima citado Antonio Leite relata como se deu seu "encontro" com o "mundo espírita virtual"<sup>9</sup>:

Em meados do ano de 1994, juntamente com a minha esposa e o meu filho, decidimos vir morar em Nova Iorque (...) Alguns meses após, adquirimos o nosso primeiro computador e imediatamente nos conectamos a Internet. Àquela altura dos acontecimentos nos questionávamos sobre a existência ou não de grupos espíritas estabelecidos na internet. Um certo dia, como que intuídos pelos nossos irmãos do outro plano, sem maiores expectativas de resultados positivos, fizemos uma tentativa e digitamos a palavra Spiritism no browser da America online. Para a nossa satisfação fomos surpreendidos com a localização da página do GEAE – Grupo de Estudos Avançados Espíritas, diga-se de passagem, o único que lá encontramos àquela época. (Leite, 2004)

Paralelamente a tentativa de demarcação do pioneirismo do GEAE<sup>10</sup>, do qual o articulista é integrante do corpo editorial, o artigo de Antonio nos remete a uma época em que a internet não fazia parte do imaginário da maioria e do cotidiano de alguns dos brasileiros, restrita, como pudemos ver, a uma pequena parcela da população. Justamente por volta dessa época – 1994 – iniciei minhas atividades como bibliotecário em uma universidade na cidade do Rio de Janeiro. No exercício desta função tive a oportunidade de ter meu primeiro "encontro" com o "mundo virtual", já que estava

envolvido com busca e disponibilização da informação. Em se tratando de uma biblioteca de uma universidade pública, tínhamos acesso à "rede mundial de computadores"<sup>11</sup>. Como nesta mesma época estava começando a me interessar pelo espiritismo resolvi procurar por alguma informação a respeito deste<sup>12</sup>. E semelhante ao ocorrido com Antonio nos EUA, obtive a mesma resposta – única e exclusivamente o Boletim eletrônico do GEAE. E tal como Antonio, eu também fui surpreendido pelo resultado, pois a experiência com o trabalho na rede de computadores mostrava que as informações veiculadas em língua portuguesa eram em número muito reduzido, restritas a alguns canais de notícias e concernentes aos interesses de alguns ramos da pesquisa científica.

Dois novos "mundos" – o "espiritismo" e o "virtual" – descortinavam-se e afluíam para um mesmo ponto – o "mundo espírita virtual". A partir do Boletim do GEAE conheci pessoas / nicks, estive em lugares / ambientes virtuais, aprendi a utilizar tecnologias informáticas e novos softwares e, tal como aconteceu com muitos dos meus contemporâneos, mergulhei e fui tomado pelas dinâmicas societárias que mais tarde viriam a ser chamadas de "Cibercultura" (Lévy, 1999; Lemos, 2002). Admitindo-se o ano de 1995 – ano da liberalização do uso comercial – como o momento em que a Internet ganha o espaço público brasileiro, constatamos que no curto período de 10 anos o "ciberespaço" deixou de ser estranho, pelo menos para as camadas médias urbanas. "Salas de chats", "comunidades virtuais", "listas-de-discussão", "blogs", "orkut", periodicamente uma dessas novidades virtuais entra em moda entre os internautas brasileiros, ganhando espaço nas diversas mídias (não só eletrônicas, mas também impressas e televisivas) e conformando o nosso imaginário<sup>13</sup>.

Nesse aspecto é emblemático o caso do "orkut". Em Janeiro de 2004, o Google<sup>14</sup> lança no "mundo virtual" um novo ambiente cuja proposta era "criar um espaço na Internet para fazer amigos através de comunidades virtuais", ou no jargão informático, um "site de relacionamentos". Inicialmente disponível apenas em língua inglesa, cerca de um ano após o seu lançamento, o orkut vira febre entre os internautas brasileiros, de tal modo que os administradores do "site", em abril de 2005, optaram por criar uma versão em português. Dois meses depois, o orkut é disponibilizado em dez outros idiomas<sup>15</sup>. Em 2006, o "site de relacionamentos" contava com mais de quarenta milhões de usuários cadastrados, sendo que destes 62,92% eram brasileiros. A tabela abaixo ilustra a participação dos internautas brasileiros no orkut:

Tabela 1  
Demografia do Orkut em 31 de Março de 2004

<i>Ranking de usuários por países</i>	
<b>Países</b>	<b>%</b>
Estados Unidos	51,36
Japão	7,74
Brasil	5,16
Países Baixos	4,10
Reino Unido	3,72

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

Tabela 2  
Demografia do Orkut em 30 de Junho de 2007

<i>Ranking de usuários por países</i>	
<b>Países</b>	<b>%</b>
Brasil	55,29
Estados Unidos	18,88
Índia	15,47
Paquistão	1,30
Reino Unido	0,57
Japão	0,39
Portugal	0,38
México	0,35
Canadá	0,33
Itália	0,32

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>

Na medida em que ocorre esta aproximação das camadas médias urbanas brasileiras com o ciberespaço, a participação dos espíritas neste vai crescendo consideravelmente. De acordo com Antonio Leite, no artigo supracitado,

aquela mesma tentativa feita há menos de dez anos atrás de digitar a palavra espiritismo, repetida hoje, seja em que língua for e em qualquer browser, nos trará uma impressionante quantidade de páginas disponíveis na internet, ultrapassando algumas dezenas de milhares. Veremos que ao lado da página do GEAE, milhares e milhares de outras aparecerão... (Leite, 2004)

Em 2007, 15 anos após o surgimento do primeiro “site” espírita e 12 anos depois da liberação do uso comercial da internet no país, o número de publicações, home-pages, listas de discussão, comunidades virtuais, enfim, de “ambientes virtuais” que tem por temática principal o espiritismo ultrapassa a casa dos milhões<sup>16</sup>. Tal volume de “ambientes virtuais” no ciberespaço sobre um tema específico não chega a se apresentar como um fenômeno extraordinário. Estes são criados com a mesma facilidade que são extintos. Contudo, em se tratando do “mundo espírita virtual” a característica é não somente a manutenção, mas também a ampla participação nestes ambientes, que parecem mimetizar, para os espíritos, a dinâmica da comunicação entre os espíritos<sup>17</sup>. Acostumados a se comunicar com seres (os espíritos) que estão em outro mundo (o mundo espiritual), a interação em um ambiente virtual, que tem como algumas de suas características a não-presença, a desterritorialização, a ubiquidade e a simultaneidade<sup>18</sup>, não encontra obstáculos.

A meu ver a ampla participação dos espíritos na internet aliada a gama de ambientes com o rótulo “espiritismo” no “mundo virtual” se apresenta como um caso bom para pensar não somente este “novo espaço de sociabilidade”, mas também as formas através das quais as camadas médias urbanas brasileiras vêm se apropriando do mesmo. É preciso considerar que “Ciberespaço”, “Cibercultura”, “Comunidades Virtuais” “Espiritismo” são práticas construídas sócio-historicamente por indivíduos em relação e, nesta perspectiva, vale a pena refletirmos se a apropriação destas categorias por parte dos indivíduos e grupos se dá de forma homogênea. Que sentido atribuímos (grupos, indivíduos, analistas) a cada um deste termos?

Olhar para esse “fenômeno” mais de perto nos abre algumas possibilidades de reflexão. A pesquisa antropológica na/da internet coloca uma série de questões na agenda dos debates. De acordo com Jungblut (2004), é possível identificar duas tendências nas análises do suposto processo de “virtualização” que ora está em curso. De um lado, uma série de vozes que se levantam contra a referida “virtualização” do mundo e apontam para os “malefícios” impostos por esta “cultura do virtual”. Para estes, a “virtualização”, através da construção de simulacros da “realidade”, promoveria uma “desrealização” do mundo e da vida se constituindo em “uma ameaça à socialidade e à formação da consciência democrática”. Tal processo, por sua vez, alienaria os sujeitos e envolveria-os “em um mundo paralelo, auto-referente e idiossincrático” (Luz apud Jungblut, 2004). Por outro lado, surgiriam as vozes opostas, otimistas em relação ao referido processo. Para

estas vozes, a busca que ora assistimos pelo “virtual” é parte (a essência) de um movimento inexorável em direção a virtualização, constituinte mesmo da humanidade; movimento este que potencializaria a capacidade auto-criativa da espécie humana<sup>19</sup> (Lévy, 1996, 1999; Lemos, 2002; Jungblut, 2004).

Seria possível falar então, em um "mundo espírita virtual"? A preocupação de parte dos espíritas em conduzir um debate sobre o tema sugere algumas pistas nesse sentido. "Já não [se pode dizer] que a Internet poderá ser útil para a difusão e o desenvolvimento do Espiritismo, hoje (...) ela já é útil. Difícil falar-se do Movimento Espírita sem mencionar-se o intenso intercâmbio que nela ocorre" (Boletim, 1999). Mas o que seria exatamente esse "mundo espírita virtual"? O que está implicado na idéia, de parte dos espíritas, em traçar uma "história do espiritismo na internet"? Que tipos de vínculos sociais são construídos por estes atores nesses mundos que são tidos como virtuais? O enfrentamento de tais questões nos sugere olhar mais de perto para este que vem se constituindo como um “novo espaço de sociabilidade”.

Fazendo o “campo” no mundo virtual, algumas implicações.

Em se tratando de uma pesquisa sócio-antropológica uma categoria surge de imediato – o "campo". Ao longo do século XX, o trabalho de campo e a etnografia foram alçados a uma posição central na Disciplina.

In terms of professional socialization and training, too, ethnography fieldwork is at the core of what Stocking has called anthropology's fundamental 'methodological values' – the taken-for-granted, pretheoretical notions of what it is to do anthropology (and to be anthropologists). As all graduate students in social/cultural anthropology knows, it is fieldwork that makes one a 'real anthropologist', and truly anthropological knowledge is widely understood to be 'based' (as we say) on fieldwork. Indeed, we would suggest that the single most significant factor determining whether a piece of research will be accepted as (that magical word) "anthropological" is the extent of which it depends on experience "in the field". (Gupta & Ferguson, 1997, p. 2)

A partir do trabalho de campo, mas não exclusivamente, foi possível produzir o encontro com o "outro". No bojo deste encontro, o "deslocamento" surge como um dos cânones da pesquisa em antropologia. Muita tinta já se gastou em torno do tema, e atualmente é consenso que tal

deslocamento deve ser entendido de forma ampla. Para o encontro com a alteridade não basta apenas o movimento de ir até onde os "nativos" estão, é preciso outros deslocamentos – psicológicos, culturais, sociais, etc – a fim de que esse encontro se efetive. Contudo, há que se considerar a relevância que o deslocamento físico ocupa junto à produção do conhecimento em antropologia. As narrativas de entrada no campo com refinadas descrições sobre: a viagem, a chegada ao território nativo, as sensações e percepções do primeiro encontro com o "objeto", cores, odores, sons, paisagens; tornaram-se não somente famosas (e famosos os seus autores) mas também, uma espécie de assinatura da pesquisa antropológica (Calil Junior, 2004; Silva, 2000; Pratt, 1986).

Nas trilhas do “campo” vieram os "nativos", a "etnografia", a "cultura" e mais do que isso, todo um "mundo" esquadrihado, retratado e delimitado, a partir de um centro (o Ocidente), por uma série de especialistas, dentre os quais a Antropologia ocupou lugar de destaque. Segundo Fredrik Barth, "essa história [do trabalho de campo] produziu um mundo de povos separados, cada qual com sua cultura e organização em uma sociedade, passível de ser legitimamente isolada para a descrição como se fosse uma ilha" (Barth, 2000, p. 28).

Analisando o papel central do par trabalho de campo / etnografia na Antropologia, Gupta e Ferguson nos incitam a olhar com mais cuidado para um dos fatores que compõem o fazer antropológico. Nos últimos anos, conceitos como o de cultura, a escrita etnográfica, o encontro com a alteridade, enfim, o modo de produção de conhecimento em antropologia vem sendo alvo de uma reflexão constante, a tal ponto que muitos desses "críticos" foram tidos como partícipes de um movimento surgido no interior da disciplina a partir das décadas de 1980/90 – os pós-modernos (Calil Junior, 2004; Gupta & Ferguson, 1997). Contudo, apesar da centralidade ocupada pelo "trabalho de campo" na antropologia, o "onde" de nossas pesquisas, têm sido deixado de lado. Conforme Gupta e Ferguson,

But what of the 'field' itself, the place where the distinctive work of fieldwork may be done, that taken-for-granted space in which an 'Other' culture or society lies waiting to be observed and written? This mysterious place – not the 'what' of anthropology but the 'where' – has been left to common sense, beyond and below the threshold of reflexivity. (Gupta & Ferguson, 1997, p. 2)

Admitindo-se essa naturalização do "onde" é preciso considerar que outros "ondes" foram aparecendo e, conseqüentemente, tornando-se



alvo do interesse dos pesquisadores. Aquele "mundo", outrora descrito em muitas das narrativas etnográficas, mudou radicalmente. As fronteiras foram re-delineadas, as distâncias diminuíram, outras vozes – a dos nativos, dantes "selvagens" – agora se fazem ouvir e, principalmente, outros "mundos" tornaram-se possíveis. Tais mudanças nos convidam a uma re-avaliação de alguns dos nossos pressupostos metodológicos, pois, como assinala Arjun Appadurai,

Dans ce processus le'ethno' d'ethnographie prend un aspect fuyant, non localise, auquel les pratiques descriptives de l'anthropologie devront répondre. Dans le monde entier, les paysages d'identité de groupe – les ethnoscape – ont cessé d'être des objets anthropologiques familiers: désormais les groupes ne sont plus étroitement territorialisés, ni liés spatialement, ni dépourvus d'une conscience historique d'eux-mêmes, ni culturellement homogènes (...). (Appadurai, 2001, p. 89)

Prosseguindo em sua análise, o autor afirma, "...la tâche de l'ethnographie consiste maintenant à élucider une énigme: quelle est la nature du local en tant qu'expérience vécue dans un monde globalisé et déterritorialisé?" (Appadurai, 2001, p. 94). O acima citado processo de virtualização e a criação de mundos virtuais nos remetem a este problema. Se o encontro com a alteridade ocorre em um "mundo virtual" como falar em localidade? Com quais "pressupostos metodológicos" vamos a campo? A que nos referimos quando falamos em uma "etnografia virtual"? Admitindo-se uma ligação ancestral da antropologia com o território, em que a produção do conhecimento antropológico esteve intimamente ligada com a divisão do mundo em distintos espaços territoriais; a existência e ocupação desses mundos des-territorializados sugere alguns questionamentos tanto em relação a localidade quanto ao próprio fazer antropológico. Enfim, o que é ir a campo em um mundo des-territorializado? E voltando ao problema do "onde", "onde" fica o "onde" de uma pesquisa no "mundo virtual"?

Uma breve visita a literatura sobre esses "novos mundos" responderia facilmente a minha última pergunta, ou melhor nos ofereceria uma das possíveis respostas. Para parte dos autores que refletem sobre o atual processo de virtualização, o "lugar" para o qual nos dirigimos quando vamos ao encontro de um "mundo virtual" é o "ciberespaço". Penso ser interessante olharmos mais de perto para essa categoria – o ciberespaço – a fim de matizarmos a afirmação deste como um lugar. Enfim, o que é o ciberespaço? A que estamos referidos quando falamos no ciberespaço?

Chama a atenção, nas análises sobre esse "novo espaço de sociabilidade" a remissão ao texto que deu origem ao termo. Sua primeira aparição se deu em um romance de ficção científica, no ano de 1984. *Neuromancer*, de William Gibson apresenta ao mundo

O Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida cotidianamente por dezenas de milhares de operadores em todos os países (...) Uma representação gráfica de dados extraídos das memórias de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Traços de luz dispostos no não-espaço do espírito (...). (Gibson apud Lemos, 2002, p. 1)

Nascido na ficção, anos depois o ciberespaço ganha o mundo. Afora este ponto de partida, com algumas variações, poucos são os analistas que se preocupam em trazer uma definição do ciberespaço, o que parece sugerir uma naturalização deste (Jungblut, 2004). Enfim, qual de nós, espectadores e partícipes da atual "revolução cultural", não sabe o que é o ciberespaço? De acordo com Jungblut, "definições com algum valor conceitual (...) são fornecidas quase que exclusivamente por Pierre Lévy e alguns outros autores que nele se inspiram". Para este último, o ciberespaço seria:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (já incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (Lévy, 1999, p. 92-93).

Já André Lemos, que poderíamos arrolar entre os autores que têm se inspirado em Pierre Lévy, considera que a escassez de definições estaria mais relacionada a uma dificuldade de compreensão desse complexo que é o ciberespaço. As definições existentes trazem uma imagem aproximada, contudo, em se tratando da "fronteira pela qual a sociedade redefine as noções de espaço e de tempo, de natural e de artificial, de real e de virtual,

o ciberespaço [se apresenta como] uma das grandes questões" (Lemos, 2002, p. 1) da contemporaneidade.

Podemos, então, chegar a algumas perspectivas que conformam os sentidos dados ao ciberespaço na literatura sobre o tema. Primeiramente, o ciberespaço pode ser entendido como um lugar. Não apenas como o "lugar onde estamos quando entramos num ambiente virtual" (Lemos, 2002, p. 2), mas um lugar no qual mesmo sem estarmos fisicamente presentes, lá existimos. Voltamos as características que Pierre Lévy (1996) arrola para o virtual – não presença, ubiquidade, desterritorialização e simultaneidade. Ao buscar uma definição do virtual, Lévy assinala que Michel Serres ilustra o tema do virtual como "não-presença". Para este autor "a imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização, que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais" (Lévy, 1996, p. 20). Assim, "quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes', se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário" (Lévy, 1996, p. 21). Sentados em frente a tela de nossos computadores, ao "entrarmos" no ciberespaço, sem sairmos fisicamente da cadeira em que estamos, passamos a existir naquele mundo, interagindo, de infinitas maneiras, com os outros seres ali presentes<sup>20</sup>. Enfim, um "novo espaço de sociabilidade", um "novo espaço antropológico", um espaço social em que os seres que por lá transitam constroem e reconstróem suas identidades e seus laços sociais (Silva, 2002), emergem com a atual "revolução tecnológica".

Ao lado dessa percepção, surge a noção de rede. Parece ser consenso entre os analistas a idéia do "ciberespaço" como o "lugar" em que as ligações em redes seriam estendidas ao infinito. Ao "entrarmos" no ciberespaço nos ligamos virtualmente a uma série de pontos, através de um conjunto de computadores interligados em todo o planeta. O texto, entendido aqui em seu sentido mais amplo (sons, imagens, palavra escrita), funciona como a porta de entrada que nos conecta aos outros "nós" da rede, de forma que o processo de "hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete" (Lévy, 1996, p. 37), que é cognitivo<sup>21</sup>, ganha dimensões e proporções distintas daquelas que estamos habituados fora do "ciberespaço", "novos espaços, novas velocidades" (Lévy, 1996, p. 22).

Uma terceira perspectiva, que parece conformar as análises sobre o ciberespaço está relacionada a um dilema já antigo (constitutivo?) e recorrentemente renomeado das Ciências Sociais. Falo da dicotomia conceito / representação, realidade / imaginação, transparente / oculto, razão / ilusão ou nos termos que se apresenta no ciberespaço, real / virtual. Considero emblemática a recorrência ao texto de Gibson, que parece ir além de uma simples referência ao “Pai da matéria”. No embate, já citado entre “defensores” e “detratores” do fenômeno da virtualização, a questão central gira em torno da “realidade” ou não desse processo. Assim, de um lado temos aqueles mais afinados com a idéia “Gibsoniana”, do ciberespaço como uma “alucinação consensual”, corroborando-a. No lado oposto, aqueles outros que buscam refutar tal idéia. Mesmo os analistas que, como Pierre Lévy, parecem transcender tal debate, trazendo “definições com algum valor conceitual” (Jungblut, 2004), é a ele que se referem<sup>22</sup>. Como podemos ver na citação de Rheingold:

Talvez o ciberespaço seja um dos lugares públicos informais onde possamos reconstruir os aspectos comunitários perdidos quando a mercearia da esquina se transforma em hipermercado. Ou talvez o ciberespaço seja precisamente o lugar errado onde procurar o renascimento da comunicação, oferecendo, não um instrumento para o convívio, mas um simulacro sem vida das emoções reais e do verdadeiro compromisso perante os outros. Seja qual for o caso, precisamos descobri-lo o mais rapidamente possível. (Rheingold apud Silva, 2002, p. 155)

Enfim, qual a natureza dos vínculos sociais que têm como arena o ciberespaço? A análise da literatura, aqui contemplada, sobre o tema, sugere a inclusão do ciberespaço no registro da “imaginação”<sup>23</sup>, que aparece sob duas formas. A primeira ligada a noção de comunidade, e uma outra, relacionada a existência de um imaginário mítico-religioso na literatura sobre ciberespaço e cibercultura<sup>24</sup>. Voltemos à citação de Rheingold. Nela o autor sugere que o ciberespaço possa retomar aqueles aspectos comunitários que foram perdidos com a modernidade. Essa idéia parece ser recorrente. E aqui a noção de comunidade é chave; enfim, para muitos a pesquisa antropológica na internet está associada à pesquisa de “comunidades virtuais”.

As “comunidades virtuais” têm sido descritas como sendo o espaço por excelência para o desenvolvimento dessa nova forma de sociabilidade que “facilita a mobilidade no e do conhecimento, as trocas de saberes, a construção coletiva do sentido” (Silva, 2002, p. 152). Espaços sociais que

levam a geração de novos valores, fundados principalmente na solidariedade, tornam-se o ambiente propício para a re-construção de identidades, à revitalização das relações, a re-invenção da democracia. Muitas das narrativas sugerem um “endeusamento” da virtualização e das relações que são engendradas nestes “mundos virtuais”. No ciberespaço, estaríamos livres para buscar os nossos “verdadeiros” interesses e nossas “reais” afinidades.

As comunidades virtuais são feitas de pessoas e do que elas realmente querem, daquilo que realmente lhes interessa, sem constrangimentos prévios ou póstumos (...) As novas tecnologias dão a cada um de nós um poder sem precedentes de construir o nosso próprio mundo de referência, de encontrar as pessoas que realmente nos interessam, estejam onde estiverem, de aprender e ensinar sobre aquilo que realmente queremos que faça parte da nossa vida. (Soares apud Silva, 2002, p. 155)

O “mundo virtual” surge como uma alternativa segura, asséptica para a re-tomada do estabelecimento de relações no espaço público. Conforme assinalado por Lúcia Oliveira Silva,

Aparentemente a comunicação no espaço público tradicional está doente: as pessoas queixam-se da falta de comunicação entre os elementos da família e da comunidade. Passamos progressivamente a viver num regime de solidão organizada no qual a comunicação e as trocas simbólicas parecem estar enfraquecidas e, com elas, a idéia de comunidade também encontra-se bastante fragilizada.(...) É neste cenário que as trocas simbólicas no âmbito dos serviços telemáticos em rede parecem recriar a comunicação onde ela parecia estar moribunda, ou seja, no interpessoal e na geração de laços sociais potencializadores do surgimento do sentimento de comunidade. Deste modo, o mundo virtual das redes telemáticas surge como uma nova oportunidade, como possibilidade de comunicação aparentemente segura e sem conflitos, enquanto que no mundo real os conflitos se multiplicam e a insegurança se instala. (Silva, 2002, p. 54)

Essa recorrência ao fato de que o ciberespaço, por suas características, seria propenso “a se tornar um meio de discussões pluralistas, reforçando competência e laços comunitários específicos” (Lemos, 2002, p. 12) sugere, a meu ver, a remissão a uma determinada noção de comunidade, corrente entre nós.

Categoria presente nas Ciências Sociais desde o seu nascimento, a noção da comunidade, como sendo uma forma de associação mais rudimentar, que evoluiria para formas mais complexas – a sociedade – tem sido

longamente cultivada no Ocidente. A oposição comunidade X sociedade foi enunciada por Tonnies, que acentua, no que diz respeito à comunidade, o caráter natural da relação estabelecida entre as pessoas<sup>25</sup>. “Tudo o que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto, é compreendido como a vida em comunidade (...) o homem encontra-se em comunidade com os seus desde o nascimento (...)” (Tonnies, 1973, p. 97). De acordo com Wirth (1973), a partir da elaboração de autores como Tonnies, Weber, dentre outros, o termo “comunidade passou a referir-se a vida grupal quando encarada do ponto de vista de simbiose”, em oposição à sociedade, relacionada ao consenso.

Essa idéia, do caráter “natural” das relações entre as pessoas pode ser lida como a tradução de um “mito<sup>26</sup>”. Ela relata um mito de origem da humanidade, corrente no pensamento ocidental a época que o referido conceito foi formulado, em que todos viviam natural e harmoniosamente em uma comunidade de afeto. As “grandes navegações”, a descoberta do “novo mundo”, o “bom selvagem”, o encontro com o “outro”, povoavam o imaginário ocidental. Nesta perspectiva, duas noções se destacam. Uma, a da relação com as “sociedades primitivas”, em que o Ocidente demarca as suas fronteiras e afirma o “homem racional” como o modelo. “Iluminados” pela razão, os “selvagens” seriam levados à “civilização”. A outra noção que emerge do conceito de comunidade é a ligada ao “bom selvagem”, ao retorno a uma natureza, ao “paraíso” que foi perdido, justamente com essa “civilização”. Enfim segundo Tonnies, “(...) sempre se valorizou a vida do campo, porque nela a comunidade é mais forte e mais viva entre os homens: a comunidade é a vida comum, verdadeira e durável (...)” (Tonnies, 1973, p. 98). E é, justamente, este sentimento que parece ser enfatizado em algumas das análises sobre o ciberespaço.

Ao lado da idéia de comunidade outra noção surge com força na literatura sobre o ciberespaço. A presença, enfática, de um imaginário “mítico-religioso”. Não são poucas as descrições que imprimem um caráter religioso aos “ambientes virtuais”. De acordo com Carly Machado

O ciberespaço vem sendo chamado pelos teóricos da área de Novo Éden, Nova Jerusalém; Pierre Lévy fala do “corpo angélico” como metáfora da Inteligência coletiva; outros falam do anjo como metáfora do internauta e chega-se mesmo a falar de uma tecnoreligião pela fetichização do tecnológico, tomando o ciberespaço como uma arena coletiva, imaterial no aqui e agora, um novo espaço da alma. A idéia de religião como re-ligação ganha força nas conexões e na coletividade possíveis no ciberespaço. Uma cosmo-

logia própria se estrutura, com noções de tempo e espaço, reflexões sobre a natureza humana, onde a noção de “vida” se redefine, (...) a própria idéia de imortalidade é suscitada pelas possibilidades criadas por esta noção de vida digital, e ainda outras as práticas religiosas propriamente ditas surgem neste ciberespaço (encontros religiosos rituais, comunidades, etc...). O ciberespaço se apresenta hoje como um espaço pleno de significados religiosos. (Machado, 2003a, p. 7)

André Lemos enfatiza esse aspecto do ciberespaço. A linguagem, os termos, a forma de abordagem que o autor utiliza em sua etnografia do ciberespaço (o título do texto em pauta é “As estruturas antropológicas do ciberespaço”) guarda muitas semelhanças com as etnografias cuja temática principal é o fenômeno religioso. Hermes, Gnose, Noosfera, rito de passagem, magia, comunidade de almas, hierofania são personagens centrais da argumentação de Lemos que procurar “traçar paralelos entre o ciberespaço e a arte hermética da memória, a criptografia demoníaca e a cosmologia gnóstica” (Lemos, 2002, p. 5). Para o autor, a palavra chave para o entendimento do “mundo virtual” é a imaginação. Tal como ocorria nos “tempos imemoriais” em relação aos mitos e ritos, que ofereciam aos homens “a possibilidade de se evadir da vida social ordinária (...) [a fim de dar conta] de suas emoções e sensações interditas” (Appadurai, 2001, p. 30) nesta “era digital” o ciberespaço torna-se “a encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem” (Lemos, 2002, p. 4). As características do ciberespaço – ubiqüidade, simultaneidade, não presença – são próprias à magia enquanto manipulação do mundo, dessa forma, o ciberespaço, se constitui não apenas como um espaço mágico, mas como “uma casa da imaginação, um lugar onde se encontram racionalidade tecnológica, vitalismo social e pensamento mágico” (Lemos, 2002, p. 5).

Seria então o ciberespaço o templo sagrado dessa era pós-moderna? Ou uma das expressões contemporâneas do projeto da modernidade? O lugar adequado para a vivência dos mitos, ritos e sonhos que não encontram campo no mundo real? Um novo Olimpo, onde “Deuses”, “Avatares”, “Demônios”, “Anjos” potencializaram as ações dos indivíduos? Ou ainda, uma conseqüência natural do progresso da humanidade, que nos levaria, através do encontro entre a racionalidade tecnológica (ciência?) e o pensamento mágico (religião?), a um futuro por muitos almejados em que teríamos abolido da vida social “os prejuízos de seitas, castas e cores” vivendo em plena solidariedade?

A inclusão do ciberespaço no registro da imaginação – tal como postulado pelas Teorias da Modernidade – mesmo que com algumas variações e de forma ambígua em alguns autores, sugere algumas implicações metodológicas. O “ciberespaço”, com seus “novos mundos”, coloca em questão alguns dos supostos da pesquisa antropológica, na medida em que “suspende” a relação outrora estabelecida entre pesquisadores, nativos e localidade. Afora isso é necessário ter em mente, o tão valorado “ponto de vista nativo” e lembrar, que no caso aqui em pauta, o “mundo espírita virtual”, apesar de poder ser considerado como mais um elemento da “cibercultura”, é significado e resignificado constantemente pelos seres que lá “habitam”. Nesta perspectiva, me parece sugestiva a colocação de Arjun Appadurai, sobre o trabalho da imaginação, com a qual encerro esta reflexão:

Je montrerai que le travail de l’imagination, (...) n’est ni purement émancipateur ni entièrement soumis à la contrainte, mais ouvre un espace de constestation dans lequel les individus et les groupes cherchent à annexer le monde global dans leur propres pratiques de la modernité. (Appadurai, 2001, p. 30)

## Notas

<sup>1</sup> Este texto foi elaborado inicialmente como resultado do curso “A noção de Comunidade” ministrado no segundo semestre de 2006 no PPCIS / UERJ pelas Professoras Patrícia Birman, Márcia Leite e Sandra Carneiro. Tendo sido apresentado também nas XIV Jornadas Religiosas para a América Latina. Registro aqui, o agradecimento a todos aqueles que contribuíram na sua elaboração. Algumas das reflexões aqui apresentadas fazem parte da pesquisa que atualmente realizo para o doutoramento em Ciências Sociais no PPCIS/UERJ.

<sup>2</sup> Grifos meus.

<sup>3</sup> O Livro dos Espíritos, compilado por Allan Kardec, é considerado como sendo uma das obras basilares do Espiritismo, denominado por muitos, em terras brasileiras de espiritismo kardecista ou kardecismo. Ressalto que tal denominação não é aceita por parte dos adeptos, dentre os quais localizo aqueles com os quais estabeleci relações durante a realização do trabalho de campo para esta investigação.

<sup>4</sup> Antonio Leite é um dos editores do Boletim GEAE, um boletim eletrônico do Grupo de estudos Avançados Espíritos, que é tido como tendo sido o primeiro site espírita na internet.

<sup>5</sup> Apesar de ser um “sucesso” entre as camadas altas e médias, ainda existe uma larga camada da população brasileira sem acesso a estes “mundos virtuais”. Preocupado com a “exclusão digital” em setembro de 2003, o governo federal promoveu alterações no Comitê Gestor da Internet (CGI), cujo principal objetivo é promover e coordenar ações para o desenvolvimento e a democratização da internet no país. Para maiores detalhes ver Comitê, 2008.

<sup>6</sup> Essa preocupação por parte dos espíritos com a memória, vai de encontro a uma afirmação



de Marcelo Araújo Franco, citado por Jungblut (2004), ao tratar da efemeridade do ciberespaço. Segundo Franco, “a Internet não é uma coisa estável, não é uma tecnologia pronta. (...) No Ciberespaço, o que não é presente, o que não é novidade, é arcaico, talvez objeto da arqueologia. São tantas coisas novas que para aprendê-las faz-se necessário esquecer. (...) Na verdade, muitos navegadores do Ciberespaço não parecem preocupados com registro e memória histórica. São mais ligados às memórias artificiais, importantes para o acesso e a manipulação da informação. (...) O Ciberespaço pode até reter registros históricos em suas entranhas, mas, para seus usuários, o que é significativo é o que circula na superfície efêmera das telas: a informação atualizada” (Franco apud Jungblut, 1994, p. 113).

<sup>7</sup> Castells (2003), Lévy (1999), Hart (2004) realizam leituras aprofundadas do surgimento e da história dos primeiros anos da internet.

<sup>8</sup> Carvalho (2006) em dissertação de Mestrado faz uma análise pormenorizada da história da internet no Brasil. Além do referido autor, ver também a “home-page” da RNP, disponível em <<http://www.rnp.br/rnp/historico.html>> e do Brasil-escola, disponível em <<http://www.brasilescola.com/informatica/internet-no-brasil.htm>>.

<sup>9</sup> Estou adotando esta categoria para me referir ao espiritismo na internet, bem como a participação dos espíritas no ciberespaço. O termo surgiu em uma entrevista com Albino Novaes, um dos participantes mais ativos desse “mundo” que tenho tido a oportunidade de acompanhar no trabalho de campo. É minha intenção refletir mais cuidadosamente sobre a trajetória de alguns desses participantes.

<sup>10</sup> Em entrevista concedida pelo mesmo, a temática do pioneirismo do Grupo na divulgação do espiritismo na internet reaparece, sendo que em nossa conversa, Antonio enfatizou a sua surpresa quando encontrou a página do GEAE. Conforme o que me relatou: “Um certo dia digitei a palavra Spiritism em um dos navegadores da internet, e qual não foi a minha surpresa ao me deparar com a homepage do grupo. Digo surpresa porque àquela época a WWW ainda engatinhava e eu não esperava encontrar nenhum grupo espírita com página na Web.”

<sup>11</sup> Aquela época a interface do acesso era bem distinta e menos amigável. Como relatou Antonio sobre sua primeira experiência com a internet, acessando de um computador nos EUA, sabidamente mais avançado tecnologicamente, a World Wide Web – teia virtual em que através de um software, os browsers, é possível percorrer, navegar pelos diversos pontos da rede – ainda engatinhava. A “navegação” era realizada em ambiente DOS e os textos eram em ASCII puro – caracteres alfabéticos sem acentuação que surgiam linearmente na tela com fundo preto. Os cliques dos mouses ainda estavam restritos a poucas funções e a navegação era realizada através de comandos que precisavam ser digitados.

<sup>12</sup> Entre os anos de 1996 a 2002 participei de atividades em uma instituição espírita na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Comparando os dados da pesquisa nacional de amostra de domicílios (PNAD) nota-se que a percentagem de domicílios com microcomputadores com acesso à internet passou de 8,60% em 2001 para 13,7 % em 2005. A mesma pesquisa, aponta que no ano de 2005 o país contava com 32 milhões de usuários da internet (PNAD, 2005).

<sup>14</sup> O Google, originalmente um sistema de busca criado como parte de um projeto de doutorado, tornou-se uma das maiores empresas “ponto com” da atualidade. Atualmente, o Google oferece além do serviço de busca original, vários outros serviços amplamente utilizados pelos internautas, tais como: o Google News, o orkut, o Gmail, o google talk, entre outros.

<sup>15</sup> Para uma descrição mais pormenorizada do Orkut ver <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>.

<sup>16</sup> A título de ilustração, em pesquisa realizada no Google, ao procurar por espiritismo foram recuperadas 1.470.000 Home-pages sobre o assunto. Realizando a pesquisa para Catolicismo e Protestantismo, foram recuperadas 2.120.000 e 545.000 respectivamente. Considerando-se que conforme dados do censo de 2000, a percentagem da população católica é de 73,77% enquanto que a espírita é de 1,38% (IBGE, 2000) o volume de ambientes virtuais sobre o espiritismo é significativo.

<sup>17</sup> Ao utilizar esta categoria estou me referido não apenas as almas dos mortos. Adoto aqui, uma das concepções correntes entre os espíritas que incluem nesta categoria, os espíritos encarnados, ou seja, os vivos. Assim, a comunicação é entendida de forma ampla, entre vivos e mortos, mortos e mortos e entre vivos e vivos, e não apenas entre os mortos.

<sup>18</sup> Tomo por base as características adotados por Pierre Lévy para uma definição do virtual. Para maiores detalhes ver Lévy, 1996.

<sup>19</sup> Jungblut ao analisar este “embate” assinala que “dentre os analistas da virtualização ou digitalização do mundo, talvez seja Pierre Lévy (1996, 1999) o autor que menos tenha se envolvido no embate entre defensores e detratores desse fenômeno e, ao mesmo tempo, o que mais se esforçou para compreender analiticamente as suas reais dimensões fenomênicas”. Apesar de corroborar a afirmativa de que talvez Pierre Lévy seja o autor que, nos últimos anos, mais tem se esforçado para a compreensão do “ciber” e seus corolários, minha tendência é considerar que ao menos nas obras aqui citadas – “O que é o Virtual” e “Cibercultura” – o autor se aproxima mais dos “otimistas” em suas análises.

<sup>20</sup> De acordo com Pierre Lévy (1996) o ciberespaço é habitado por quatro elementos: os seres humanos, as informações, a rede física de computadores e os programas.

<sup>21</sup> Pierre Lévy considera este processo como sendo independente do e anterior ao ciberespaço. Para Lévy, as tecnologias intelectuais estão relacionadas aos processos cognitivos. “Uma tecnologia intelectual, quase sempre exterioriza, objetiva, virtualiza uma função cognitiva, uma atividade mental (...) O aparecimento da escrita, [por exemplo], acelerou um processo de artificialização, de exteriorização e de virtualização da memória que certamente começou com a hominização” (Lévy, 1996, p. 38).

<sup>22</sup> Pierre Lévy (1996) por exemplo, desenvolve a sua argumentação em torno do processo de virtualização que ora assistimos em cima da afirmação de que o “par oposto” do virtual não é o real, mas o atual. Entretanto, apesar de considerar a oposição entre real e virtual como “fácil e enganosa”, Lévy considera que “essa abordagem possui uma parte de verdade interessante” (Lévy, 1996, p. 15). Neste sentido, vale a pena citar também um dos parágrafos iniciais da Introdução de “O que é o Virtual”: “Deve-se temer uma desrealização geral? Uma espécie de desaparecimento universal, como sugere Jean Baudrillard? Estamos ameaçados por um apocalipse cultural? Por uma aterrorizante implosão do espaço-tempo, como Paul Virilio anuncia há vários anos? Este livro defende uma hipótese diferente, não catastrófica: entre as evoluções culturais em andamento nesta virada do terceiro milênio – e apesar de seus inegáveis aspectos sombrios e terríveis –, exprime-se uma busca da hominização” (Lévy, 1996, p. 11).

<sup>23</sup> Arjun Appadurai discorrendo sobre o peso da Imaginação na teoria social moderna assinala: “Après tout, nous sommes désormais habitués à considérer toutes les sociétés du point de vue de leur aptitude à produire des arts, des mythes et des légendes: autant de formes d’expression qui offraient la possibilité de s’évader de la vie sociale ordinaire. Toutes les sociétés ont montré par ces formes d’expression, qu’elles étaient capables à la fois de dépasser et de recadrer la vie sociale ordinaire, grâce à des mythologies de genres variés ou l’imagination se plaisait à

deformer la vie sociale. Em revê, finalemente, les individus, y compris dans les sociétés les plus rudimentaires, ont trouvé un espace ou redessiner les contours de leur vie sociale, vivre des émotions et des sensations interdites, et accéder à des visions qui, par la suite, ont impregné tout ce qu'ils ressentait dans leur vie ordinaire. En outre, toutes ces formes d'expression ont rendu possible, dans des nombreuses sociétés humaines, un dialogue complexe entre l'imagination et les rites qui a permis, d'une manière ou d'une autre, d'approfondir la force des normes effective du travail de collaboration qu'exigent de nombreuses formes de rituels pour être célébrés. Tel est le type d'enseignement le plus ferme que nous ont légué, depuis un siècle, les meilleurs représentants de l'anthropologie canonique". (Appadurai, 2001)

<sup>24</sup> Esta idéia é sugerida por Carly Machado. Para maiores detalhes ver Machado, 2003a e Machado, 2003b.

<sup>25</sup> Interessante assinalar que ao utilizar o termo comunidade, Tonnie usa pessoas. Já quando o termo usado é sociedade, o termo empregado é indivíduos. Agradeço esta observação a Cláudia Wolff Swatowski.

<sup>26</sup> Tal idéia foi discutida em sala de aula no curso já referido "A noção de comunidade" a partir de uma colocação de Patrícia Birman. Utilizo-a aqui, reconhecendo merecer esta um maior desenvolvimento analítico de minha parte.

## Referências

APPADURAI, Arjun. *Après le colonialisme: Les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris: Payot, 2001.

BARTH, Fredrik. *O guru e o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BRASIL – Escola. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/informatica/internet-no-brasil.htm>>. Acesso em Fevereiro de 2007.

BOLETIM GEAE, 1999. Disponível em <<http://www.geae.inf.br/index.html>>. Acesso em Janeiro de 2007.

CALIL JUNIOR, Alberto. "OM SAI RAM": Encontros e trânsitos no campo religioso brasileiro. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-PPCIS/UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. *A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências de Engenharia de Sistemas e Computação)-COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COMITÊ gestor da Internet no Brasil – CGI. Disponível em <<http://www.cgi.br>>. Acessado em 10 de abril de 2008.

- HART, Keith. Notes towards an anthropology of the internet. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 10, n. 21, p.15-40, jan./jun. 2004.
- GUPTA, Akhil; FERGURSON, James. Discipline and practice: “the field” as site, method and location in Anthropology. In: \_\_\_\_\_. *Anthropological Locations*. Berkeley: University of California Press, 1997. p. 1-46.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- LEITE, Antonio C. Lacerda. *O GEAE e a divulgação espírita na internet*. Anuário Histórico Espírita. São Paulo: Masdra, 2004.
- LEMONS, André. *As estruturas antropológicas do Ciberespaço*. 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/artigos.html>>. Acessado em 30 de Novembro de 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MACHADO, Carly Barbosa. *Questões metodológicas em antropologia: o ciberespaço e a cibercultura nas reflexões etnográficas*. 2003a. Trabalho de conclusão da disciplina Metodologia II ministrada por Claudia Resende, PPCIS/UERJ, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *Religião na cibercultura: navegando entre novos ícones e antigos comandos*. *Religião e Sociedade*, v. 23, n. 2, 2003b.
- PNAD-2005. *Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios*. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 12-fev. 1994.
- PRATT, Mary Louise. *Fieldwork in Common Places*. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. *Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography*. California: University of California Press, 1986. p. 27-50.
- RNP - Rede Nacional de Ensino e Pesquisa. Disponível em <<http://www.rnp.br/rnp/historico.html>>. Acesso em Fevereiro de 2007.
- SILVA, Lída Oliveira. *A internet - A geração de um novo espaço antropológico*. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos. *Janelas do Ciberespaço: comunicação e cultura*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 151-171.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2000.
- TONNIES, Ferdinand. *Comunidade e sociedade como entidades típicas-ideiais*. In: FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: EdUSP, 1973.
- WIRTH, Louis. *Delimitação e problemas da comunidade*. In: FERNANDES, Florestan (org.) *Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: EdUSP, 1973.
- WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: Fevereiro de 2007.